

Teoria: desafio e perspectiva na pesquisa em educação

Siomara Borba Leite*

Resumo: Neste artigo a prática teórica é entendida como desafio e, ao mesmo tempo, como perspectiva para a pesquisa em educação. O conceito de "teoria" tem sido compreendido como uma atividade da abstração, distante do cotidiano, que enquadra o real. Tal forma de compreender a "teoria" tem-se constituído em desafio. Por outro lado, a "teoria" é dimensionada como perspectiva quando ela assume a dimensão do concreto de pensamento, isto é, da "teoria"-real como elucidação do real-"teoria". Estas diferentes formas de compreensão do termo "teoria" se sustentam em formas alternativas de entender as relações "teoria"-prática, "teoria"-ideologia e o lugar da filosofia nas ciências sociais.

Palavras-chave: Pesquisa - Educação - Teoria.

Abstract: This paper considers the theoretical practice as both a challenge and a perspective to educational research. The concept of "theory" has been understood as an abstraction, distant from the daily activities that frame reality. If on the one hand, this way of understanding "theory" has been viewed as a challenge. On the other, "theory" has been considered a perspective when it assumes the concreteness of thinking, that is, when "theory"-reality is understood as elucidation of reality-"theory". These different forms of understanding "theory" are supported by alternative forms of understanding the relations between "theory"-practice, "theory"-ideology the role of philosophy in social sciences.

Keywords: Research - Education - Theory.

Falar dos desafios e perspectivas da pesquisa em educação no Brasil não é uma tarefa nova no panorama da reflexão educacional. Há muito, os pesquisadores da área se preocupam em apontar não só os limites e as fragilidades do trabalho de investigação em educação no Brasil - no sentido de fazer uma crítica à prática investigativa - bem como algumas possibilidades que remetem para a prática da pesquisa, com o objetivo de indicar alternativas potenciais à produção de conhecimento em educação.

* Professora do Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ.

Nesses diferentes trabalhos, os limites e as possibilidades da pesquisa em educação no Brasil são pensados a partir de um determinado recorte: político-institucional, teórico-metodológico, qualidade e produtividade do trabalho científico, temas de investigação, entre outros.

Entre as várias dificuldades indicadas, uma das mais frequentes é a fragilidade teórico-metodológica dos trabalhos de investigação. Este tipo de desafio tem sido evidenciado através de *diagnósticos e análises realizados sobre a produção científica em Educação* (Malta e Fávero, 1994, p. 16). A existência de tal crítica à pesquisa nos levou a uma preocupação com o aprofundamento do significado da noção de “teoria”. A nossa discussão estará, pois, centrada nos significados atribuídos correntemente ao termo “teoria”. Esses significados, em nossa interpretação, se constituem dinamicamente em desafio e perspectiva para a pesquisa em educação.

A forma pela qual os educadores por vezes recebem a “teoria” faz, talvez, do próprio conhecimento teórico o primeiro dos desafios da pesquisa em educação, cujo trabalho investigativo, sendo voltado para a compreensão de uma prática e a intervenção num fazer, parece não estar encontrando na “teoria” elementos que permitam reconhecer essa sua vocação.

Ao mesmo tempo, entendemos que uma perspectiva que se pode vislumbrar em qualquer pesquisa (e, especificamente, para a pesquisa em educação) é o recurso à “teoria” como oportunidade de concretização do real, do fazer, da prática. Tal possibilidade é oferecida pela compreensão da “teoria” como momento de concretização do pensamento; neste caso, a relação “teoria”-prática deve ser concebida como uma interação mediata, dinâmica, complexa.

Para tratar dessa questão, vamos situar a “teoria” na pesquisa em educação, sugerindo que a matriz teórica de tal pesquisa é o conhecimento das ciências humanas e sociais que se vão constituir e se consolidar no solo epistemológico da Modernidade.

A partir dessas considerações iniciais, nos preocuparemos com explicitar as condições que fazem da “teoria” um desafio para a pesquisa em educação. Como já ficou evidente, para nós, tais condições dizem respeito diretamente a uma determinada forma de compreender as relações “teoria”-prática e “teoria”-ideologia, que acabam por fornecer para a “teoria” um sentido de verdadeira prisão; o real é enqua-

drado e desnaturado, fazendo com que a pesquisa seja sufocada, uma vez que a educação, enquanto prática social, que se constitui em objeto de investigação, não cabe dentro dos limites do real estabelecidos por uma determinada idéia de “teoria”.

Na tentativa de superar esta compreensão da “teoria” como desafio, argumentaremos que as relações “teoria”-prática e “teoria”-ideologia podem ser pensadas a partir de determinadas condições radicalmente opostas, que propiciem o esclarecimento da realidade, a partir de elementos teóricos-conceituais que, por sua pertinência, por seu poder heurístico e de arejamento impliquem novas possibilidades concretas de interferência no real.

No pensamento comum, “teoria” é entendida como um *conhecimento especulativo, abstrato, puro, que se afasta do mundo da experiência concreta, sensível* (Japiassu e Marcondes, 1990) (*Dicionário básico de Filosofia*). Em outras palavras, é um saber puro, sem nenhum compromisso com a prática.

Tradicionalmente, “teoria” significa uma construção racional, abstrata, sistemática, metódica, com caráter de generalização que compreende, no pensamento, o real e que pretende explicar uma determinada realidade. De acordo com Veiga-Neto (1995), a definição tradicional de “teoria” entende a “teoria” como sendo *um constructo racional sistemático em que diversas proposições se articulam segundo níveis de abrangência e complexidade variados* (p 17). Uma terceira forma de compreender o significado do termo “teoria” destaca que esta se constitui em um instrumento de análise do real, capaz de *aumentar o potencial explicativo do (...) discurso científico* (Estrela, 1992, p. 13), onde aquilo que nos parece simples, mostra-se através da “teoria” como uma realidade complexa.

Essas definições sugerem, também, que a “teoria” é um *instrumento* e, como tal, tem algumas tarefas a realizar no processo de compreensão e explicação do real: orientar o trabalho de investigação, elaborar conceitos e categorias de análise do fenômeno, resumir o conhecimento sobre determinado fato do real, indicar, no sentido de prever, fatos e apontar fragilidades e lacunas no conhecimento do real.

Embora esta forma tradicional de definir “teoria” esteja muito marcada por uma concepção histórica de conhecimento, própria das ciências da natureza física, que privilegia, no real, a experiência sensível do concreto e afirma a possibilidade de se chegar à “verdade” sobre esse real, ainda assim, podemos encontrar, inseridos nestas definições,

alguns elementos operacionais que abrem perspectivas para uma compreensão do conceito de “teoria” como uma possibilidade de *aproximação* do real, permitindo às ciências humanas e sociais investir em um projeto de conhecimento que não precise recorrer ao estatuto epistemológico das ciências da natureza, do número e da vida.

Orientar o trajeto da investigação, elaborar conceitos e categorias, oferecer elementos de análise da realidade, indicar possibilidades do real e apontar a provisoreidade do conhecido são tarefas teóricas que, de modo nenhum, estão restritas às atividades de investigação da realidade da natureza. A aproximação do real cultural também exige a produção destes elementos capazes de indicar as pistas da investigação, a elaboração de conceitos e categorias, a sugestão de aspectos fundamentais para exame desse real, o horizonte de alternativas para o cotidiano do homem e a identificação dos limites explicativos do conhecimento construído.

Entretanto, as diferenças entre o conceito de “teoria”, próprio das ciências da natureza, e a compreensão que as ciências humanas e sociais, de orientação historicista, têm desse conceito, podem ser identificadas já em seus pressupostos epistemológicos, em primeira instância. Os princípios norteadores subjacentes ao conceito tradicional de “teoria” não atendem às filosofias que falam do real a partir de uma *aproximação* menos linear, menos direta. Assim sendo, essas filosofias ampliam o conceito de “teoria”, uma vez que elas pensam o fazer teórico como um dos momentos da ação do homem, em relação estreita com a ideologia e a prática. Partindo desses pressupostos, a “teoria” é entendida como um instrumento que facilita orientar o conhecimento e a investigação, como uma possibilidade de *aproximação* do real, permitindo às ciências humanas e sociais investir num projeto epistemológico que não as obrigue a tomar de empréstimo os critérios de objetividade, de cientificidade e de verdade das ciências da natureza, do número e da vida para serem validadas e legitimadas enquanto ciências.

No entanto, a disputa entre essas duas alternativas de definição de “teoria” não se dá como discrepância dos termos de sua identificação nem na compreensão do significado formal, mas deve ser buscada nos diferentes e até contraditórios pressupostos epistemológicos e modos de entender as relações “teoria”-prática, “teoria”-ideologia. Com propósitos de mostrar que um dos desafios da pesquisa educacional é lidar com uma determinada forma de conceber o trabalho teórico e que, conse-

qüentemente, a perspectiva que se apresenta para a pesquisa em educação é a de uma opção por uma outra forma de lidar com a “teoria”, indicaremos alguns elementos que caracterizam essas relações dentro de cada modelo de “teoria”.

Uma questão que está presente na compreensão do conceito de “teoria” diz respeito à relação “teoria”-prática. Tradicionalmente, existe toda uma preocupação, neste modo de entender o que é “teoria”, em definir claramente, de forma imediata e linear, a contribuição da “teoria” para a melhoria da vida cotidiana e prática. O hiato aparente que existe na relação “teoria”-prática tem dado origem a um total desprezo pela “teoria”, justificado na ausência de uma utilidade imediata, manifesta e objetiva do conhecimento teórico. Por sua vez, a dimensão contemplativa, reflexiva e abstrata que caracteriza a atividade teórica tem servido como justificativa para qualificar essa atividade de inútil, improdutivo, parasitária, desconsiderando a importância e o significado da “teoria” para a concretização do mundo prático. Entretanto, apesar de tal postura estar muito presente na ação das pessoas, independentemente do nível de instrução escolar, de vivência cultural, de fruição artística, pode-se identificar um movimento na filosofia comprometido com a compreensão da “teoria” e da prática enquanto elementos da mesma natureza e constituintes de uma mesma ação.

Uma outra discussão que diz respeito ao conceito tradicional de “teoria” é a relação “teoria”-ideologia. Para algumas concepções ontológicas e epistemológicas, a “teoria”, enquanto atividade científica, se constitui em prática neutra, objetiva, distante e alheia às paixões, aos valores, às opções subjetivas. A “teoria” é o momento de desvendamento do real, momento em que o real se apresenta e é conhecido como ele é, permitindo o alcance da verdade. É possível chegar à verdade uma vez que esta é dada pelo objeto. Este objeto dispensa a presença do sujeito cognoscente, embora não possa descartar a atividade cognoscente do indivíduo já que é a racionalidade humana que é capaz de desvendar os mistérios do real e de falar sobre este real.

Essas formas de entender as relações “teoria”-prática e “teoria”-ideologia, embora pretendam ser hegemônicas, são negadas e superadas por pressupostos ontológicos e epistemológicos que entendem o mundo como construído pelos homens em relações subjetivas e coletivas e o conhecimento como um processo provisório e de aproximação do real e como um produto, também, provisório e aproximado do real.

A relação “teoria”-prática para as filosofias de orientação historicista entendem que esta relação se concretiza na medida em que a “teoria” é entendida como o concreto de pensamento. A “teoria” é uma atividade reflexiva, que se aproxima do real, não como ele se manifesta de modo imediato, objetivo e empírico, mas buscando as múltiplas determinações entendidas como elementos abstratos esclarecedores deste real. Ao buscar no real os seus elementos abstratos, a “teoria” está bem próxima do cotidiano, partindo da prática e voltando para o concreto.

A relação “teoria”-ideologia é entendida pelas filosofias não lineares como uma relação imbricada, em que a neutralidade é um discurso vazio e a objetividade é relativa aos pressupostos ontológicos e epistemológicos, isto é, a objetividade científica é relativa à visão de mundo que sustenta o processo de aproximação do real; isto é, à visão de mundo que apóia a atividade teórica.

O conhecimento da educação tem recorrido às ciências humanas e sociais no sentido de obter delas diferentes *aproximações* do real, instrumento para a análise, compreensão e intervenção nos fazeres educacional e pedagógico, considerando que, por sua própria natureza, o campo da educação não pode oferecer elementos teórico-conceituais, inteiramente produzidos no interior de suas próprias problemáticas, para a análise da prática educacional e da prática pedagógica. Assim, a reflexão educacional recorre às ciências, buscando não só contribuições teóricas, mas também conceituais, além de métodos de análise dos fatos educacional e pedagógico em todas as suas dimensões. Portanto, falar da questão da “teoria” na pesquisa em educação significa tornar presente estas ciências, uma vez que são elas que vão oferecer os elementos teóricos-conceituais de análise e os elementos teórico-metodológicos de investigação.

Nesse sentido, podemos afirmar que a pesquisa científica no campo da educação está profundamente imbricada às pesquisas e ao conhecimento produzido no âmbito das ciências humanas e sociais; e concluir que, para examinarmos este processo de investigação, é preciso considerar anterior, subjacente e paralelamente a pesquisa nas ciências humanas e sociais, com todas as suas possibilidades, limites e contradições. Assim, ao invés de restringir a discussão aos limites da pesquisa em educação, deve-se ampliá-la à complexidade do significado das “ciências da educação”. Carvalho (1988) sugere que não devemos esquecer *que as ciências da educação se delinearam e se apresentam*

ainda (independentemente das críticas que podemos e devemos formular a um tal propósito) como prolongamentos das ciências humanas ditas fundamentais, pelo que a sua emergência mergulha na própria história destas ciências, participando, de uma maneira ou de outra, nas suas hesitações, nas suas contradições e nos seus êxitos (p. 17). Esta afirmação, retirada de um contexto específico, tem por objetivo sugerir que o contorno da pesquisa em educação só é plenamente definido quando consideradas, igualmente, ciências que investem o homem e sua inserção em relações sociais determinadas.

O exame do significado da “teoria”, embora traga alguns esclarecimentos no que diz respeito às diferentes concepções ontológicas e epistemológicas, que sustentam o processo de conceituação, demanda, também, situá-la no contexto mais abrangente do conhecimento. Quando falamos de “teoria”, estamos falando de conhecimento científico. A constituição do conhecimento científico aconteceu no momento de constituição de uma nova sociedade caracterizada, entre outros aspectos, pela crença na utopia, na possibilidade de existência de uma sociedade igualitária, justa, democrática, livre, feliz, plena; pela crença no progresso, no sentido de que a humanidade caminha naturalmente para a plenitude; e pela valorização da razão como instrumento e possibilidade de construção desta utopia e de promoção deste progresso.

A razão é a condição potencial da ciência e da técnica. O desenvolvimento tecnológico supõe a apropriação do real natural através do conhecimento científico, cujo lugar de destaque concedido à “teoria” explica-se pela aspiração de domínio da dinâmica do mundo e de apreensão racional da realidade. A “teoria”, então, é uma produção histórica, produção de um determinado momento do conhecimento - o momento do *conhecimento científico*, em que se afirma a supremacia da apreensão racional do mundo frente às outras atividades de ação e de intervenção sobre o mundo. A questão da “teoria” se traduz, então, eminentemente, como uma questão da *ciência*. Neste contexto, discutir o significado da “teoria” pressupõe trazer o debate para o âmbito do conhecimento científico, uma vez que a “teoria” é um dos momentos do processo de produção do conhecimento científico do real.

A questão das ciências sociais e humanas vem sendo discutida pela epistemologia e pela sociologia do conhecimento que ressaltam, como ponto central de crítica, a opção epistemológica pelo horizonte das ciências natu-

rais e a opção metodológica pelo modelo de ciência do conhecimento físico. Estas opções são marcadas, antes de mais nada, pela negação do lugar da filosofia no processo de conhecimento do homem. Ao escolher o horizonte epistemológico das ciências naturais - escolha que se concretiza na opção pelos métodos de investigação próprios das ciências naturais - o que as ciências humanas e sociais fizeram foi expulsar a filosofia e o próprio homem do processo de conhecimento da realidade humana.

Entretanto as ciências sociais, em determinado momento de sua construção teórica, vislumbram as contribuições da filosofia, da "teoria", no processo de apropriação racional do mundo. A preocupação intensa e total com o método de investigação, com a produção de um conhecimento objetivo e com o empírico como fonte de conhecimento se constituem em condições suficientes para afastar a filosofia do domínio das ciências sociais e humanas. Estas ciências, apesar de no passado, terem perseguido, de forma decidida, o modelo das ciências exatas e naturais, encontraram dificuldades epistemológicas significativas para realizarem o ideal de cientificidade próprio das ciências da natureza, do número, da vida. Esta luta por um determinado modelo de cientificidade mostrou que, diferentemente das ciências nomotéticas, as ciências sociais não têm condições intrínsecas e extrínsecas de repudiar a filosofia. Tal repúdio significa a multiplicação de obstáculos concretos para o processo de constituição e de desenvolvimento da "teoria" e da cientificidade.

Uma compreensão não linear, não evolutiva e não naturalística das ciências sociais demanda, antes de mais nada, a consideração da filosofia no contexto do pensamento social como uma reflexão teórica sobre o real. Isto significa chamar a filosofia para ocupar o seu espaço nas ciências sociais, lugar que foi abandonado no momento em que a compreensão do mundo passou a se realizar por um método de investigação e por um determinado horizonte ontológico e epistemológico.

A defesa da presença da filosofia no processo de conhecimento do social não significa priorizar o conhecimento filosófico frente às outras formas de se apropriar racionalmente do mundo; não significa, tampouco, entender a filosofia como uma meta-ciência, uma supra-ciência e uma ciência pairando acima das outras disciplinas, com o objetivo de realizar o destino tradicional da ciência. Significa, sim, por outro lado, chamar a "teoria", a compreensão racional, abstrata e concreta do mundo para contribuir, junto às diferentes ciências, no processo de apropriação do

real humano. A afirmação da existência de um lugar para a filosofia nas ciências humanas e sociais parece ser a alternativa para a superação do modelo cientificista que tem dominado as ciências e que pouco tem dado conta do real social, cotidiano e subjetivo do homem.

Em linhas bem gerais, o objetivo deste trabalho foi apresentar o que estamos entendendo ser um desafio e uma perspectiva para a pesquisa em educação no Brasil. De modo algum, a nossa reflexão pretendeu ou pretende exaurir a discussão. Pelo contrário, esta reflexão é a continuação de um debate que ainda exige alguma atenção e cuidado.

Afirmamos que um desafio para a pesquisa em educação é a dificuldade de “lidar” com a “teoria”, quando nos empenhamos concretamente em conhecer a dinâmica que caracteriza a educação como um fazer social. O desafio se traduz na impossibilidade aparente de um conhecimento teórico abarcar elementos do imediato, do cotidiano, do que está perto. Argumentamos contra esta forma de entender o lugar do teórico na pesquisa em educação. A dificuldade não está na “teoria” enquanto tal, mas em uma determinada concepção de “teoria” que entende o fazer teórico como atividade de enquadramento do real.

Finalmente, em contrapartida à concepção de “teoria” que entende a atividade teórica como atividade de enquadramento do real, argumentamos que a perspectiva que se vislumbra para a pesquisa em educação está no reconhecimento da importância e da necessidade de um conhecimento teórico do real. Esta afirmação pressupõe uma determinada forma de entender o conceito de “teoria”. A “teoria” é definida como possibilidade de elucidação da realidade, ela é um concreto de pensamento e, enquanto tal, dá conta do imediato, do cotidiano, do que está por perto, sem perder a dimensão do conceito, da abstração, do pensamento.

Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, João Ferreira de e PINTO, José Madureira. Da “teoria” à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais. In: SILVA, Alberto Santos e PINTO, José Madureira (orgs.) *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Afrontamento, 1986. p. 55-78
- CAMPOS, Maria Malta e FÁVERO, Osmar. A pesquisa em educação no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, nº 88, pp. 5-17, fev. 1994.

134 • Siomara Borba Leite

- CARVALHO, Adalberto Dias de. *Epistemologia das ciências da educação*. Porto: Afrontamento, 1988.
- ESTRELA, Albano. *Pedagogia, ciência da educação?* Porto: Porto Editora, 1992.
- GATTI, Bernadete A. Ciências humanas: notas sobre alguns impasses para a pesquisa. *Boletim ANPEd*, 14ª Reunião Anual, São Paulo, 1991: 99-102.
- GOODE, William J. e HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1990.
- MINAYO, Maria Cecília De Souza Minayo. *O desafio do conhecimento* Pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: HUCITEC, Rio de Janeiro: ABRASCO, 1994.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol?. In: VEIGA-NETO, Alfredo. *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 9-56.